

Livros Ficção:

Um retrato amoroso do Brasil

Obra póstuma de Anatol Rosenfeld revela a face humanitária do pensador

Wilson Bueno
Especial para o Estado

Organizado por Nanci Fernandes e com luminoso posfácio de J. Guinsburg, acaba de chegar às livrarias mais um volume póstumo (e inédito em livro), do notável pensador germano-brasileiro Anatol Rosenfeld (1912-1973), *Anatol on the Road*, oportuna seleta do melhor do escritor publicado na imprensa do Brasil dos anos 40. Um dos mais expressivos – efêreos – nomes do grupo de intelectuais judeus que emigrou para o Brasil frente ao aterrorador cerco nazista na Europa, no fim dos anos 30 – a exemplo do vienense Otto Maria Carpeaux e do húngaro Paulo Rónai, Rosenfeld é também, sem erro, o mais “brasileiro” de todos eles. Com qualidade de “osmose” que chega a se revestir de uma graça terna e quase macunaímica. Seja pela via do humor, brasileiroíssimo em toda a sua extensão, seja por ocupar-se de temas essencialmente nacionais – de Mário de Andrade a Osman Lins, da macumba ao negro e ao futebol. Desembarcando no Brasil, em 1937, aos 25 anos, Rosenfeld viu precocemente interrompida em Berlim sua recém-iniciada carreira literária. Aqui, com a vida a tomar outros rumos, que o levaram de caixeiro-viajante a representante comercial de sucesso, acabou por concretizar fecundo projeto de ensaísta e de teórico sobretudo no terreno da dramaturgia. Com a publicação de alentados estudos versando sobre o te-

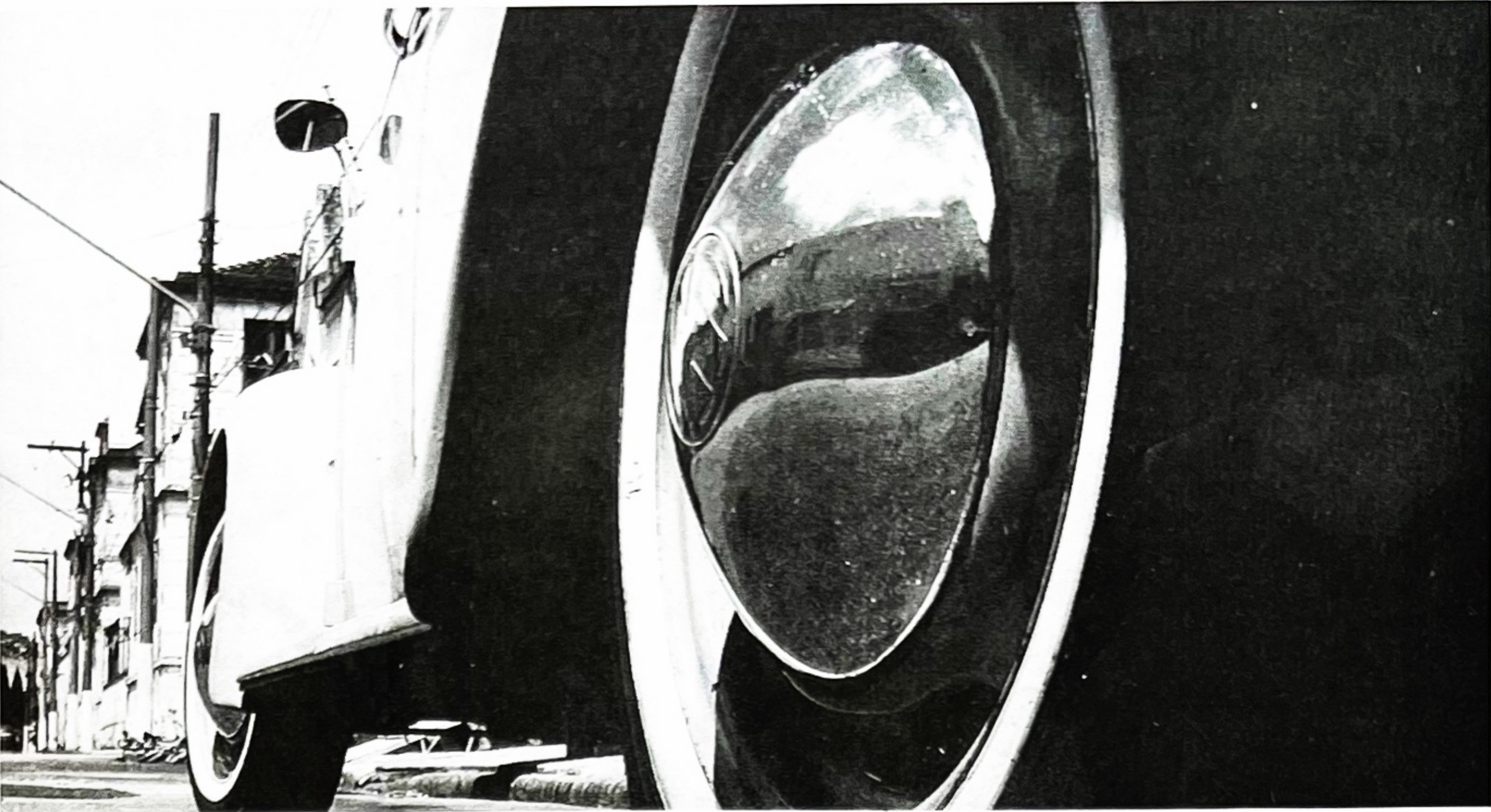
ma, seja em livro ou na imprensa especializada, além de sua dedicação ao ensino.

Ao lado de Décio de Almeida Prado ele foi, talvez, o maior “pensador” das coisas e loisas dos palcos brasileiros e internacionais. Ao tempo em que o teatro ainda gozava de algum prestígio cá na República das Bruzundangas.

Em *Anatol on the Road*, o que temos, bem diversas dos seus alguma vez sisudos estudos teóricos, são pequenas peças (crônicas, pastiches, paródias), em que o autor, movido por lúdico amor à tarefa, delas se desincombe como autênticos exercícios de divertissements textuais. Humor e amor, saber e sabor na assídua colaboração para diversos órgãos da imprensa brasileira, ao longo de toda a década de 40. Exceção é o conto que encerra o volume, provavelmente inédito.

Organizado de modo funcional e até “prático”, este verdadeiro “recolho” de textos dispersos de Anatol Rosenfeld em nenhum momento se revela gratuito ou “dispensável”, como é rotina nas antologias póstumas. Na maioria dos casos, sabemos, acabam por resultar muito mais em encômios e homenagens, do que em obras oportunas, com algum sentido de acréscimo, digamos, à bibliografia de um autor já morto.

Anatol on the Road, ao contrário, é exemplar na aspiração a dar a conhecer, antes de tudo, uma faceta pouco divulgada do grande crítico e teórico: a sua “humanidade”. Mais que isso: o



ON THE ROAD - Com amor e humor, Rosenfeld registrou as viagens que fez em obsoletos automóveis pelo Brasil afora, a vender quinquilharias



Anatol on the Road
Anatol Rosenfeld
Perspectiva
269 págs. R\$ 40

seu viés macunaímico, surpreendentemente “brasileiro”... E, por extensão – com uma escrita vernácula de fazer inveja a muito brasileiro de carteirinha –, reafirmada, aliás, nestes deliciosos retratos do hinterland tupiniquim.

As anotações do caixeiro-viajante abrem o livro, sob o título *Memórias de um Certo Viajante*. Aí, a parte mais longa e uma das mais engraçadas de *Anatol On the Road*. Em pauta, os temerá-

rios percursos de “jardineiras” (antiquados ônibus d’antanho...) ou as viagens em obsoletos automóveis pelos lamaçais das estradas brasileiras de então – a vender toda sorte de quinquilharias... Ao final e ao cabo, de Ponta Porã a Corumbá, de Campo Grande a Aquidauana, passando por perdidas cidadezinhas comidas pelo pó do tempo e da memória, Anatol Rosenfeld fixa um divertido, não fosse trágico, retrato do País.

A destacar aqui, entre outras, a crônica *As Amazonas de Cuiabá*. Ao lado da paródia e da galhofa explícita em torno dos livros condensados, uma febre da época, sobretudo depois dos resumos tornados célebres pela não menos célebre *Seleções Reader Digest*, Rosenfeld ao falar de Cuiabá e dos cuiabanos, por exemplo, ainda que se esforce, não consegue trair a erudita formação europeia. E isso resulta num efeito imediatamente cômico, sobretudo ao realizar um impagável mix de brasileiríssimas caboclices com tiradas europeizantes de alta extração. Ao longe parece que ouvimos o forte sotaque alemão de Anatol Rosenfeld a destilar risos e mordacidades e atiladas asperes. Sem perder a ternura jamais por estes pobres-diabos de desde sempre.

Depois das crônicas reunidas em *Aventuras na Paulicéia*, igualmente assinaladas por bem-humorada ironia, mormente em torno dos modos e modismos da nascente metrópole de então, somos conduzidos aos textos mais “brincantes” do livro: algumas das columnas *A Cebola*, (Zwiebel), hipotético jornal criado por Rosenfeld em a *Crônica Israelita*.

Aí, em *Redação da Zwiebel: A Ironia na Comissura dos Bigodes*, o grande teórico dá asas à imaginação, criando e recriando seções as mais diversas – numa espécie de jornal dentro do jornal –, que não poupam sequer os maneirismos da imprensa de então – de jocosas “seções” ditadas “literárias” a “seções” também ditadas de “recreação”... Mais um pouco teríamos até “seções” de “aconselhamentos íntimos” não fosse a época tão pundonorosa...

Anatol on the Road apresenta ainda três das inúmeras traduções e adaptações que o escritor fez de *Facheiros da Idade Média*, de Alvin S. Luchs, também publicadas pela *Crônica Israelita*. Narrativas “edificantes” sobre a vida de grandes vultos judaicos da Idade Média destinadas ao público infanto-juvenil. Nada desprezível, contudo, que

elas figurem no livro, a demonstrar, em grande parte, o gosto que Rosenfeld experimentava ao “lidar” com a raiz molecular da narrativa, expressa nas velhas lendas iídiches.

E por último, mas não menos importante, a ficção até aqui inédita – *O ‘Minien’ Manco*, que encerra o volume. De novo, o seu Mato Grosso, numa representação da “religiosidade” judaica no trópico abrasivo, com suas “instruções” e liturgia milenares. Uma peça definida, com propriedade, por J. Guinsburg, como uma “reflexão para-filosófica sobre o embuste como arma da verdade”.

Que mais não signifique, *Anatol on the Road*, ao nos informar o retrato do Brasil dos anos 40, põe a nu, ainda uma vez, o desbragado amor do teórico berlinense pela nação que o acolheu em sua busca de exílio. E que ele, com qualidade infinitamente superior a muitos nativos, vivos ou mortos, buscou decifrar, sob invariável lucidez, ao longo de toda uma vida de pensamento e reflexão em tempo integral a ela dedicados. Não é pouca coisa. ●

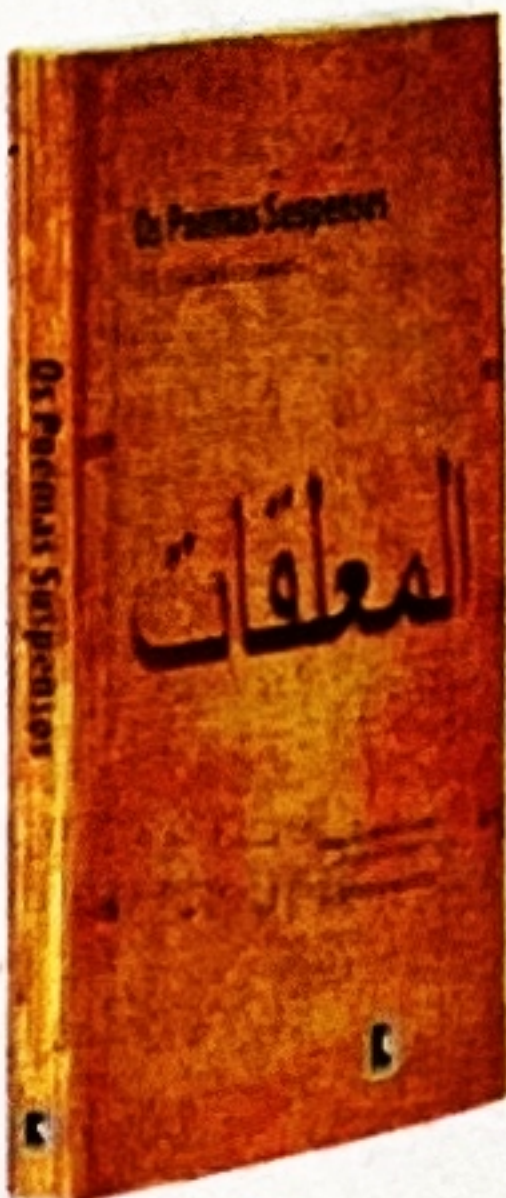
Wilson Bueno, escritor, autor, entre outros livros, do romance *Cristal*

Lançamentos @ NO BRASIL

Textos: Karla Dunder e João Sampaio



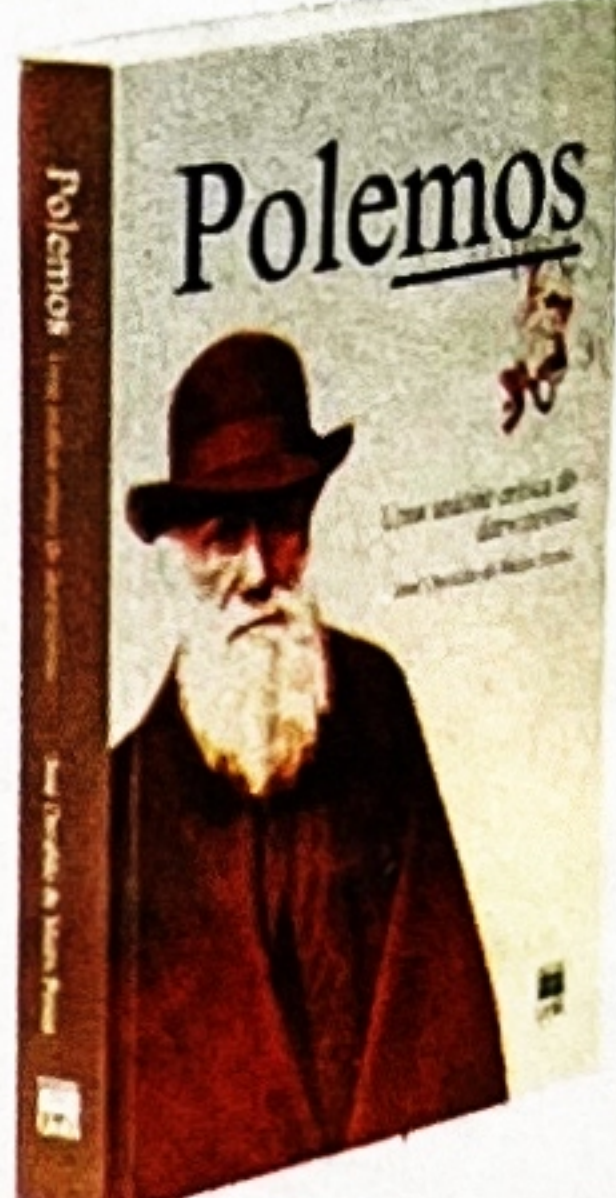
A Casa do Santo & O Santo da Casa
Rodolfo W. Guttilla
Landy
224 págs. R\$ 15



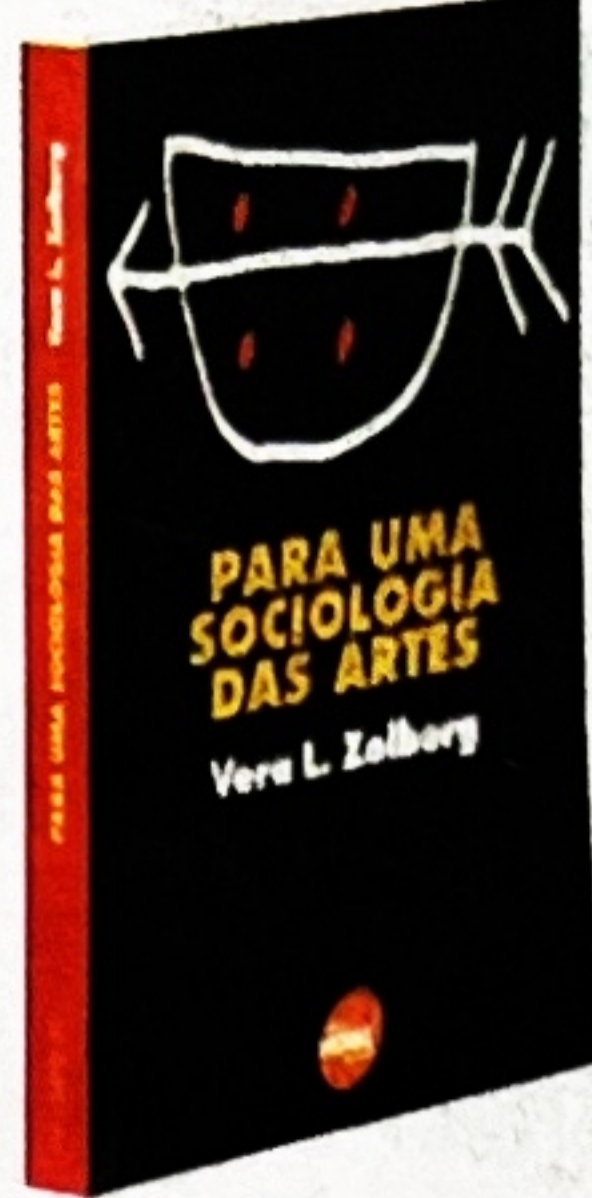
Os Poemas Suspensos
Alberto Mussa (org.)
Record
210 págs. R\$ 28,90



Imagem e Conhecimento
Annateresa Fabris e
Maria Lúcia Bastos Kern (org.)
Edusp. 376 págs. R\$ 75



Polemos - Uma Análise Crítica do Darwinismo
José Osvaldo de Meira Penna
UnB. 434 págs. R\$ 64



Para uma Sociologia das Artes
Vera L. Zolberg
Senac
360 págs. R\$ 70



Mundo Perdido
Patrícia Melo
Companhia das Letras
208 págs. R\$ 36

Uma análise da disputa simbólica da devoção

Os mais belos poemas da literatura pré-islâmica

Relações possíveis entre imagens e o saber

As polêmicas idéias de Darwin e sua repercussão

Uma análise das obras de arte, via sociologia

A volta do violento e matador Máiquel

●● “Tal como o miraculoso santo – o nosso São Judas Tadeu –, que este livro biografa sociologicamente com grande sensibilidade, escritura cuidada e atraente – quase sempre impecável – e com o acume teórico de mestre, esse *A Casa do Santo e o Santo da Casa* produz o milagre das causas perdidas. Pois realiza a conjunção inteligente da fascinante história devocional de São Judas Tadeu no Brasil, sem esquecer as vicissitudes do nosso catolicismo ou a etnografia dos elos do santo com seu povo pobre, sujeito perpétuo das causas perdidas”, observa Roberto DaMatta. Neste livro, Guttilla analisa as tensões geradas pela devoção dos fiéis aos santos e o controle que a Igreja exerce sobre esse culto.

●● Vencedor de importantes prêmios, como os Las Casas das Américas em 2005, Alberto Mussa organizou este livro, desde a escolha dos poemas, passando pela introdução, notas e a tradução. Lendo a poesia pré-islâmica em francês e inglês, Mussa percebeu que tinha em mãos um material belo e diferente, o que o motivou a aprender o árabe clássico para ler os textos em sua língua original. Em 1999, começou a traduzir a coleção dos poemas considerados mais belos pelos próprios beduínos, *Os Poemas Suspensos*. Mussa selecionou e traduziu aqueles considerados os mais expressivos da literatura árabe pré-islâmica. Em cada poema percebe-se a personalidade dos poetas, como a sabedoria de Zuhayr ou a ironia de al-Asha.

●● Este livro reúne ensaios que analisam a relação entre imagem e conhecimento, e ainda traz a contribuição de especialistas brasileiros e estrangeiros. Os ensaios dividem-se em dois eixos apresentados por um texto introdutório inédito. No primeiro, relativo à imagem manual, Maria Lúcia Bastos Kern apresenta um panorama geral das diferentes concepções da imagem na história. As discussões que se seguem englobam as relações da arte com a religião e a ciência, o olhar e a composição. O segundo eixo, voltado para a imagem técnica, aborda o surgimento de novas tecnologias desde a fotografia. Reúne dez ensaios que discutem as transformações trazidas pela técnica à percepção e reflexão filosófica e estética.

●● Polemos traduzido do grego significa guerra ou luta, um bom título para um livro que trata das origens e das repercussões da obra de Darwin, um século e meio após a sua publicação, e também dos debates que produziu. Até hoje, nas áreas mais conservadoras do Sul e do Centro-Oeste dos Estados Unidos, os criacionistas e os fundamentalistas bíblicos negam a evolução e o processo de seleção natural proposto pelo biólogo inglês. O autor não analisa nesta obra a teoria biológica propriamente dita, e sim, apresenta as premissas do pensamento de Darwin e as consequências ideológicas, sociais, políticas e filosóficas de sua obra ao longo dos anos. Meira Penna é diplomata, escritor e embaixador.

●● Diversos estudiosos discutem a natureza socialmente construída da arte: as instituições culturais, os artistas e os públicos. Em vez de aceitar que as causas desses fenômenos sejam simples, é preciso incorporar a heterogeneidade, os processos de descoberta, a avaliação, a história e a criação de tradições a categorias antes tidas como únicas. É o que faz a autora neste livro, a partir de métodos da teoria literária e da sociologia. De acordo com a escritora, a contribuição da sociologia à análise das artes deve concentrar-se no modo de classificar as formas e dos sucessivos significados das obras de arte, faz com que a ciência social deixe de ser simples método, abrindo o confronto entre arte erudita e popular.

●● A escritora Patrícia Melo traz de volta à cena Máiquel. O protagonista do livro *O Matador* está dez anos mais velho e muito mais desiludido. Passou os últimos tempos foragido da polícia, em outra cidade, sem querer saber da antiga vida de justiceiro de periferia. Voltou a São Paulo só para liquidar uma herança e resolveu procurar a filha, Samanta, que ele não vê há uma década. Filha do seu primeiro casamento, Samanta foi sequestrada por sua ex-mulher, Érica, que fugiu com Marlênio, um pastor evangélico. Não satisfeito em levar a mulher e a filha de Máiquel, Marlênio ainda o denunciou à polícia. O caminho de Máiquel é o da violência. O que ele sabe fazer é matar.